

REPORTAGEM ESPECIAL

Universitários criam uma nova cidade

Escondida em projetos, a "Nova Vitória" tem complexo náutico, shopping a céu aberto e aeromóvel

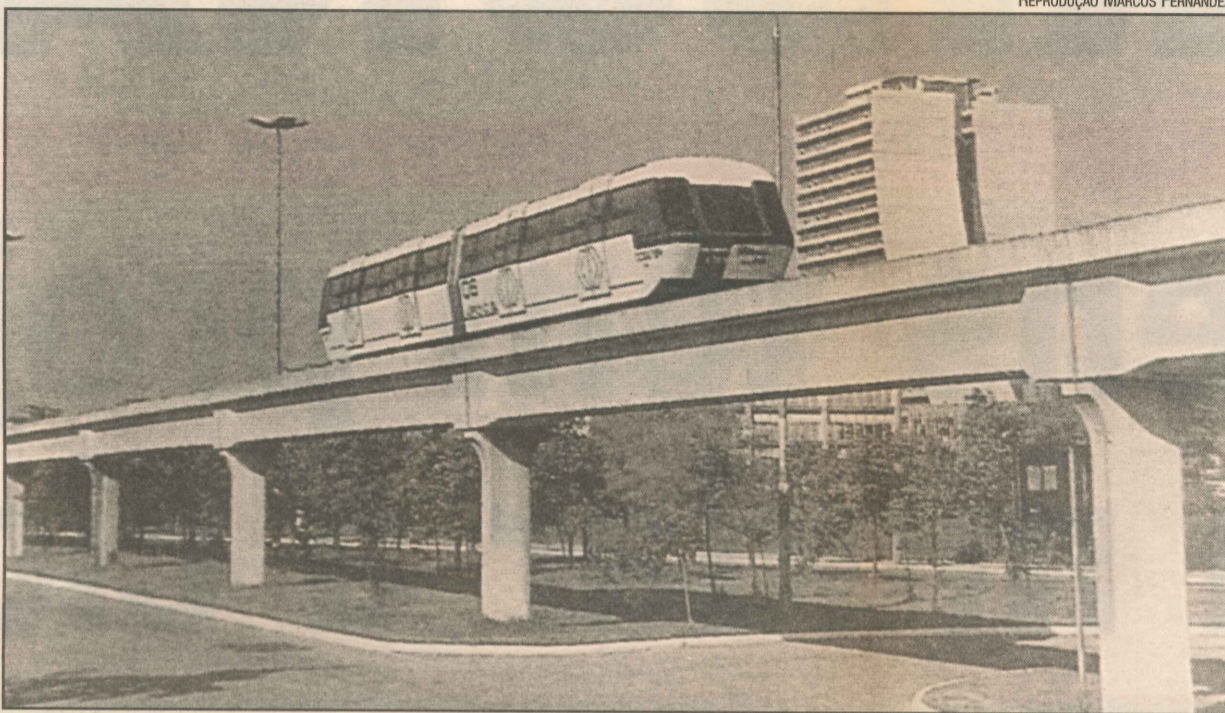
GIOVANA RANGEL

Na mão, o traço firme adquirido pela familiaridade com a prancheta e o nanquim. Na mente, idéias pra lá de ousadas, resultantes de um olhar mais aguçado, uma observação profunda ou até resquícios dos sonhos de infância.

É com essa combinação que jovens estudantes de Arquitetura da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) elaboram projetos de graduação, que, se fossem executados simultaneamente, transformariam radicalmente a cidade.

Na "Nova Vitória" dos universitários, tudo é permitido. É possível chocar, causar impacto, transpor barreiras, abusar da criatividade. Na cidade dos jovens estudantes, um shopping ao ar livre convive harmoniosamente com um observatório de navios.

Um sistema de transporte sobre um trilho elevado trafega aci-



REPRODUÇÃO MARCOS FERNANDEZ

Uma proposta é o aeromóvel, um sistema de transporte sobre trilho elevado

ma de uma praça onde se aprende a história da cidade como uma brincadeira. Sem contar a existência de um complexo náutico onde é possível ver os peixinhos dentro d'água, aprender a mergulhar e almoçar num restaurante à beira-mar.

Apesar das "viagens" dos estudantes, muitos projetos de graduação podem virar realidade.

ESTUDOS

O secretário de Planejamento Urbano da Prefeitura de Vitória, Érico Jenz Santos, reconheceu que muitos projetos poderiam ser aplicados depois de submetidos a estudos complementares.

"Aos estudantes é permitido viajar e isso é muito bom, porque dota o projeto de criatividade. Alguns até poderiam ser aproveitados se fossem realizados outros estudos", afirmou Érico.

O chefe do Departamento de Arquitetura da Ufes, Marco Romanelli, observou que o aluno passa um ano elaborando seu projeto de graduação e muitos trabalhos produzidos por ele poderiam ser aplicados.

"Todos os trabalhos são viáveis, até porque eles são orientados por professores capacitados. Mas é claro que toda intervenção urbana não depende somente da viabilidade técnica,

mas principalmente da viabilidade política e financeira", explicou Romanelli.

Ele reconheceu que nenhum projeto de estudante foi aplicado na íntegra, mas ressaltou que muitos projetos nascidos na universidade já foram incorporados pela cidade.

Como exemplo, citou a orla de Camburi, a Curva da Jurema, a orla da Praia da Costa, o Parque do Horto e a restauração da Escola de Arte Fafi. "Nem sempre o trabalho de graduação avança a ponto de se tornar um projeto executável, mas as idéias com certeza poderiam ser aproveitadas", completou Romanelli.

Da paixão de ver navios, um observatório

Aos 12 anos, Yuri Armstrong Borges Loureiro mudou-se de Montanha, Norte do Estado, para a capital. Desde aquela época, era fascinado por navios e adorava observá-los no Porto de Vitória.

Mas não escondia a frustração quando percebia que quanto mais perto chegava do porto, mais distante ficava dos navios, sufocados pela presença das muralhas de armazéns, muros e grades do velho porto.

E foi essa paixão de criança que influenciou na escolha do tema de seu projeto de graduação no curso de Arquitetura da Ufes: um observatório de navios.

Hoje, aos 26 anos, Yuri explica que a constatação feita na infância tem fundamento. "Os armazéns eram bastante utilizados na época do ápice da cafeicultura. Hoje, ficam praticamente abandonados e tornam o porto um local visualmente sujo", observou.

A proposta dele é demolir os cinco armazéns existentes, que ocupam aproximadamente 1.600 metros quadrados, e construir pequenos prédios sobre pilares, que poderiam ser visitados. "Ficando no primeiro andar, os prédios não atrapalhariam o visual de quem passa pela calçada", explicou.

Na justificativa do projeto, Yuri argumenta que, em todo o mundo, é crescente o processo de containerização do transporte de cargas, fato que deixa o Porto de Vitória com áreas ociosas, que poderiam ser melhor utilizadas para o bem do porto e da cidade.

Segundo ele, atualmente os armazéns são sub-utilizados: um fica vazio, outro é utilizado para abrigar o Centro Médico dos Estudantes e os outros não são usados com frequência.

"A concorrência privada e o uso de novas tecnologias mudam o perfil do sistema portuário brasileiro, que é lento e oneroso. Surgirão instalações novas, com desembarques mais rápidos", previu Yuri.

Quanto à aplicabilidade do projeto, o arquiteto ressaltou a importância do complexo, que tende a se tornar muito histórica e simbólica do município. "A área do porto se mostrará mais receptiva ao turismo, podendo até entrar na lista obrigatória dos circuitos turísticos", considerou.

Revolução no Parque Moscoso

Na mente povoada de idéias de um arquiteto, não se pode admitir que um parque fique abandonado, com manutenção precária e construções que poluam o visual. Principalmente quando se trata do parque mais antigo de Vitória, o Moscoso, criado em 1912, pelo então governador Jerônimo Monteiro.

Foi pensando nisso que a universitária Luciana Lyra Santos, 24 anos, elaborou o projeto de graduação "Parque Moscoso - Reabilitação inadiável para salvar a história e restaurar a memória arquitetural da cidade".

Depois de um trabalho de pesquisa que durou um ano e qua-

tro meses, ela está propondo que o parque seja submetido a uma reforma geral, desde que sejam consideradas suas características originais.

O primeiro passo seria a retirada dos brinquedos eletrônicos, que, segundo a autora do projeto, "não tem nada a ver com o restante da arquitetura do parque". Um píer seria elaborado, para facilitar a contemplação do lago e, em frente à Concha Acústica, seria construída uma grande praça para abrigar eventos.

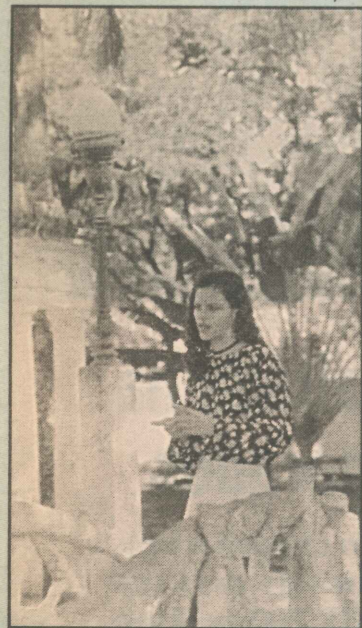
O morro que fica logo na entrada do parque, de acordo com Luciana, deveria ser removido para dar lugar a um mirante, que facilitaria a contemplação

dos visitantes. "O morro não é natural, foi um aterro feito na reforma feita em 1952. Poderia ser retirado porque atrapalha a visão geral do parque, escondendo elementos da natureza", explicou.

As fontes, uma das maiores paixões de Luciana, ficariam onde estão, mas seriam submetidas a uma reforma geral. "Alguns peixes sobrevivem, mas as fontes estão mal cuidadas. O limo ocupa toda a fonte e a água está suja", reclamou ela.

O prédio onde hoje funciona a Escola Ernestina Pessoa seria utilizado para banheiros, sede da administração e uma lanchonete.

MARCOS FERNANDEZ/AT



Luciana: restaurar a memória

Shopping futurista no Centro

O projeto de Eliomar e Tito prevê a construção de um grande shopping ao ar livre, túnel e estacionamento subterrâneo

Shoppings centers são mundialmente apontados como uma das melhores invenções do homem, por reunir, em apenas um local, grandes lojas, cinemas, lanchonetes, estacionamento fácil, área de lazer, hotéis e serviços.

Mas, para os arquitetos Eliomar Venâncio de Souza Filho, 30 anos, e Tito Augusto Abreu de Carvalho, 29, existe um local no centro de Vitória que reúne todas essas facilidades: a área da Esplanada Capixaba entre o prédio do Ministério da Fazenda e a loja Mesbla.

"Nessa área, temos grandes lojas (Mesbla, Americanas e C&A), uma lanchonete expressiva (-McDonald's), uma grande praça, prédios com médicos e áreas de cinema. Tudo isso de frente para o mar. Por que precisamos nos deslocar ao shopping?", perguntou Eliomar.

Foi com essa idéia que os dois, na época estudantes universitários, elaboraram o projeto "Um shopping ao ar livre", concluído em 1994. Para isso, o local passaria por transformações futuristas, como a construção de um túnel para a passagem de veículos e um restaurante à beira-mar.

O projeto causou polêmica na universidade quando foi apresentado. Ele prevê que a área (cerca de 300 mil metros quadrados) seja usada apenas por pedestres, como um grande calçadão. Por isso é que seria necessá-

rio um túnel e um estacionamento subterrâneo, com cerca de 650 vagas, na Praça Getúlio Vargas.

ESTACIONAMENTO

Para ligar a região à orla marítima, dividida hoje pela avenida Beira-Mar, seria construído um prédio suspenso, que abrigaria um restaurante panorâmico, uma boate e uma estrutura de apoio a competições marítimas.

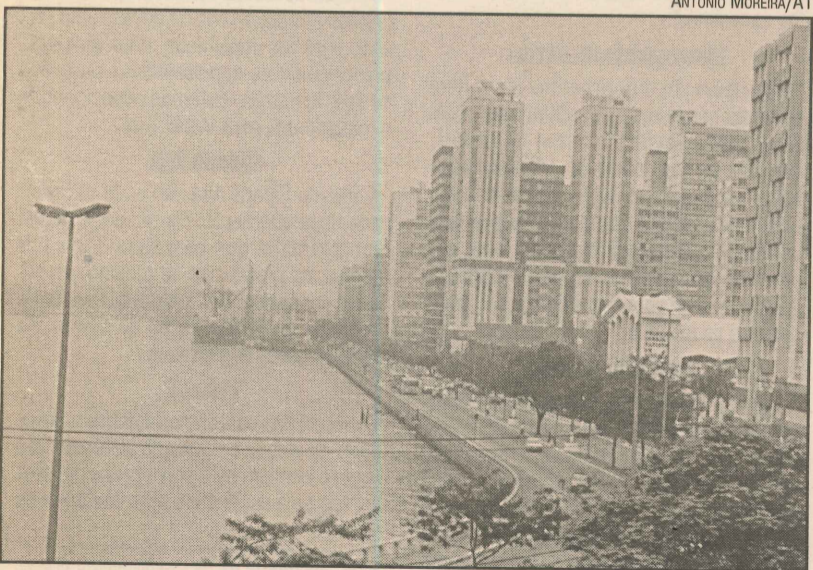
No percurso principal, os dois arquitetos sugerem a criação de áreas cobertas com policarbonato translúcido, que protegeria os frequentadores do sol e da chuva. "O objetivo é não fechar totalmente, deixando o local o mais arejado possível", explicou Tito.

Na opinião de Eliomar, o problema do tráfego do centro também seria amenizado, já que não haveria necessidade de semáforos no trecho do túnel. Os autores garantiram que o projeto não é "viajante".

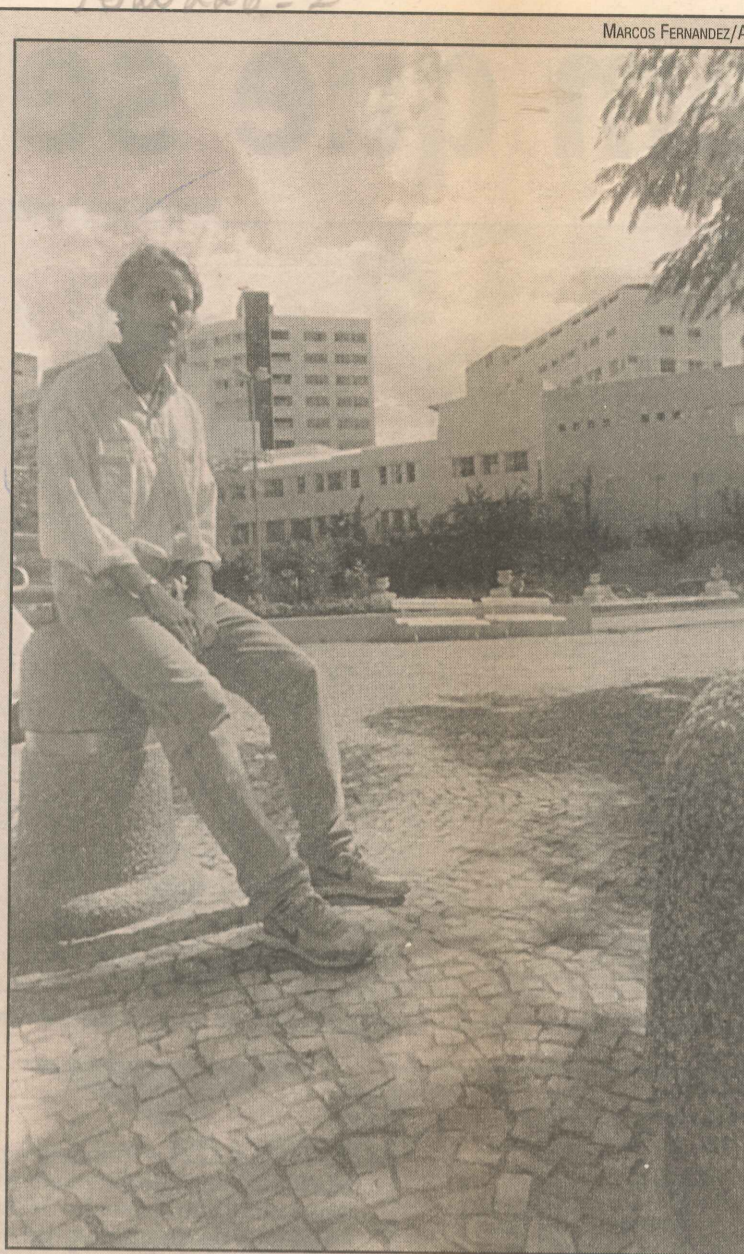
Eles citam como exemplo de obra bem sucedida o Vale do Anhangabaú, em São Paulo, onde o trânsito foi deslocado para o subsolo e o local foi transformado numa praça de eventos. "O nosso projeto é ainda mais completo, porque não prevê somente uma praça", completaram.

Sobre a viabilidade, eles reconheceram que as obras seriam caras, mas garantem que o retorno compensaria.

ANTONIO MOREIRA/AT



A idéia é aproveitar o visual marítimo da Esplanada Capixaba



MARCOS FERNANDEZ/AT

Carlos Holz: Centro de Vivência no lugar de hospital

Adeus à velha Cidade Alta

Criar um Centro de Vivência na Cidade Alta é a pretensão do estudante Carlos Holz, 26 anos, aluno de Arquitetura na Ufes. Há seis meses ele vem se dedicando a um trabalho que envolve pesquisas e entrevistas e, até setembro, pretende amadurecer a idéia e colocá-la no papel.

Até aí, nada demais. Porém, um ponto previsto no projeto é, no mínimo, polêmico. Ele quer que o Hospital dos Servidores Públicos seja demolido, para dar lugar ao Centro de Vivência.

Segundo ele, a Cidade Alta não é o melhor local para abrigar o hospital, por ser de difícil acesso, com ladeiras e ruas estreitas. Por isso, parte da área onde hoje funciona o hospital ficaria livre, para maior integração com a praça da Catedral.

A outra área seria utilizada para livrarias, cafés e locadoras, formando um Centro de Vivência. O local também abrigaria um espaço para contar a história da região, através de fotografias, textos e encenações.

"A região é super-importante para a cidade, porque foi o marco do início da ocupação urbana. Todos os prédios do entorno têm uma história e o Centro de Vivência teria um espaço para resgatar isso", explicou o autor.

Carlos contou que teve a idéia de trabalhar com a Cidade Alta por temer que o local fique abandonado. "Como os prédios institucionais que movimentam a região (Tribunal de Justiça e Assembleia Legislativa) estão se transferindo para a Enseada do Suá, a tendência é de que o uso da região seja modificado", considerou.

TEATRO

O projeto prevê que o prédio da Assembleia Legislativa viraria um teatro e o Palácio Anchieta seria um museu aberto a visitação. Também seria modificado o paisagismo do local. "Existem árvores que impedem a visão da arquitetura do entorno, inclusive do prédio onde funciona o Arquivo Público, que é muito bonito", observou Carlos.

O projeto prevê ainda que os palácios Anchieta e Domingos Martins (prédio da Assembleia), a Catedral Metropolitana, a Capela Santa Luzia e a Igreja de São Gonçalo sejam verdadeiramente pontos turísticos.

"Entrevistei vários turistas, que reclamaram que as igrejas estão sempre fechadas e que os locais históricos de Vitória não podem ser visitados. Por isso resolvi mudar essa situação", argumentou Carlos.

Conhecer Vitória de brincadeira

Fazer com que as pessoas conheçam a cidade, quase como uma brincadeira, é a proposta das universitárias Michele Monteiro Prado, 25 anos, e Cristiane Souza Gonçalves, 24. As duas são autoras do projeto "Viver Vitória - Proposta para o resgate da identidade cultural da cidade por meio da memória", que recebeu nota 10 da banca examinadora da Ufes.

O projeto, que poderia ser aplicado em qualquer local, prevê a realização de exposições de fotografias antigas de Vitória, criação de passeios monitorados pelas ruas da cidade, criação do Centro de Memória e requalificação do espaço urbano para melhoria da qualidade de vida.

As autoras contaram que tiveram a idéia de explorar esse tema a partir do conceito popular de falta de memória histórica do capixaba. "O projeto traça uma série de estratégias para estimular a relação entre o cidadão e a cidade", explicaram.

Na opinião de Michele, a exposição de fotografias seria fundamental para viabilizar essa relação. "A movimentação do dia-a-dia impede as pessoas de pararem para apreciar certos detalhes da paisagem da cidade, mas, se esbarrarem num painel enorme, cheio de fotos, acabam dando atenção", afirmou.

ESCOLAS

Cristiane ressaltou que os passeios monitorados seriam coordenados por profissionais da Prefeitura, que destacariam traços históricos da cidade. Os passeios seriam destinados principalmente a escolas de primeiro grau.

Durante os passeios, seriam programadas encenações dos fatos históricos referentes àquela localidade. Por exemplo: ao passar pela Escadaria Maria Ortiz, as pessoas ficariam sabendo porque ela tem esse nome.

No Centro de Memória funcionariam biblioteca, centro fotográfico e área para exposições. Quanto à requalificação do espaço urbano, foi tomada como exemplo a área da Praça Oito.

Michele e Cristiane propõem que a iluminação, a pavimentação e o mobiliário da praça sejam modificados. A idéia é melhorar o sistema de arborização e limpeza e acabar com a poluição visual, como placas e anúncios publicitários que não têm relação com a arquitetura do local.

"A nossa idéia é resgatar a importância da praça. Apesar de não sermos capixabas (Michele é carioca; Cristiane, paulista), temos um grande amor pela cidade e, por isso, ficaríamos muito felizes se esse projeto fosse executado", garantiram as duas estudantes.